

XIII Encontro de História – ANPUH-Rio: IDENTIDADES
Seropédica – UFRRJ – 04 a 08 de agosto de 2008

Simpósio Temático: IDENTIDADES, CULTURA JURÍDICA E CULTURA RELIGIOSA

Título do trabalho: *Os Viajantes e a Condição Jurídica e Religiosa de Estrangeiros Residentes no Brasil no Segundo Reinado*

Gizlene Neder

Resumo:

O trabalho enfoca os relatos produzidos acerca da condição jurídica e religiosa de estrangeiros residentes no Brasil no Segundo Reinado, interpretados a partir de obras de viajantes e missionários (católicos e protestantes) que visitaram o país no período. Busca problematizar a visão de mundo e o posicionamento político e ideológico destes discursos, identificando distanciamentos e aproximações em relação à sociedade brasileira e às “questões religiosas” implicadas.

Palavras-chave: cultura jurídica – cultura religiosa – viajantes – missionários.

Abstract:

This issue focuses the reports concerning juridical and religious statement of immigrants in Brazil, during the Second Kingdom of Brazilian Empire. The reports are interpreted through books written by travelers and missionaries (from catholic and protestant religions) who had visited the country at that time. The political and ideological positions of these reports are examined taking in account the outsider regards concerning Brazilian society and religious debate.

Key-words: juridical culture – religious culture – travelers – missionaries.

1. Os debates acerca dos direitos de estrangeiros no Brasil, da liberdade religiosa, do papel do direito civil e do direito eclesiástico, tendo em vista os direitos de imigrantes protestantes no Brasil, constituem o foco deste artigo. O texto insere-se em pesquisa mais ampla, que analisa este debate através da imprensa, de livros de viajantes, de livros e teses do campo jurídico; e das correspondências e ofícios diplomáticos, trocados entre as

leções estrangeiras e os ministérios da justiça e dos negócios estrangeiros no Segundo Reinado¹.

Propomo-nos a apresentar parte deste debate, destacando os relatos de viajantes (cientistas, missionários protestantes ou católicos, militares, diplomatas ou simplesmente viandantes, quer dizer, aqueles que viajavam simplesmente para conhecer lugares e costumes diferentes) que desde meados do século XIX e até a crise do regime monárquico registraram suas impressões sobre a sociedade brasileira e sobre as condições jurídica e religiosa de estrangeiros residentes no Brasil. Através destes relatos pudemos problematizar a visão de mundo e o posicionamento político e ideológico dos discursos destes viajantes, identificando distanciamentos e aproximações em relação à sociedade brasileira e as “questões religiosas” implicadas. Contudo, sem deixar de lado a problemática ensejada pela relação de alteridade (nós e os outros²), recentemente bastante discutida no campo dos estudos históricos e antropológicos, permitimo-nos destacar um ponto específico: importamos a opinião dos viajantes sobre os direitos civis e a condição religiosa dos imigrantes que começavam a chegar no Brasil, desde o fim do tráfico em 1850. A datação é importante, pois marca o fim o tráfico de escravos para o país, que seguia carecendo de fornecimento externo de mão-de-obra. Portanto, a imigração começou a ser discutida, e implicou, pelo menos, o posicionamento do deputado por Alagoas na Câmara, Tavares Bastos; implicou também a criação de associações visando discutir e estimular uma política imigrantista para o Brasil³.

Os viajantes - cientistas, diplomatas, missionários, e diversos intelectuais - produziram obras (muitas vezes extensas) sobre o Brasil e suas características geográficas e naturais; a “natureza” das raças que o compunham, suas instituições (políticas, religiosas e

¹ Gizlene Neder. ‘Direitos Civis e Questões Diplomáticas no Segundo Reinado’, Bolsa de Produtividade em Pesquisa – CNPq, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, entre 2005 e 2007.

² A reflexão que norteia este artigo está fundamentada em: Tzvetan Todorov. *Nous et les Autres. La réflexion française sur la diversité humaine*, Paris: Éditions du Seuil, 1989.

³ NEDER, Gizlene. “O Daguerreotipista e os Direitos. O debate sobre os direitos civis de estrangeiros residentes no Brasil em meados do século XIX”, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB)*, 168 (435):9:41, abr./jun. 2007.

civis), sua história, etc. Todavia, estas obras não se reduzem ao mero exercício de erudição e curiosidade científica; puro desejo de alargar os campos de conhecimento, ou mesmo objetivos meramente missionários, mas assumiam posicionamentos políticos, ideológicos e religiosos claros, fazendo críticas à sociedade brasileira; sugeriam caminhos que deviam ser seguidos e opinavam claramente sobre o que achavam ser as possibilidades de futuro para o Brasil. Neste último ponto, representam sua inserção no contexto ideológico de forte presença da idéia de progresso⁴.

Os posicionamentos políticos, religiosos, ideológicos (e mesmo teóricos) dos discursos dos viajantes revelam-nos um campo de disputas muito aguçadas. A disputa ideológica parece ser a tônica predominante neste tipo de literatura - mesmo que a disputa estivesse implícita em alguns dos livros que selecionamos para análise, já que nem todos os livros e impressões de viajantes espelharam a mesma intensidade ou intencionalidade. Estas obras não se limitavam a apenas descrever analiticamente, ou de maneira neutra (como queriam os positivistas daquela temporalidade) os aspectos naturais, sociais e até mesmo raciais do Brasil oitocentista. Nem tampouco suas críticas e sugestões “científicas” eram imparciais. Ao contrário, os discursos apresentados estavam sempre referenciados nas relações de alteridade, constituídos basicamente pelas sociedades européias e sua cultura política predominante inscrita na cristandade ocidental. Nesse ponto, destacamos a força imaginativa (porque se inscrevia nos marcos do poder transcendental da imaginação, como formulava E. Kant), das construções ideológicas do par oposto amigo/inimigo, próprio do campo político do catolicismo romano, apropriado culturalmente, mesmo nas formações históricas abrangidas pela reforma religiosa protestante desde o século XVI⁵. Portanto, o Outro tendia a ser referido como um “inimigo”, um rival (ou infiel) a ser combatido ideologicamente. Por mais sutil que fosse a crítica ou o comentário dos autores, percebe-se que havia uma menção a este rival, a este inimigo. Em suma, se muitas vezes o tom do

⁴O vaticínio mais conhecido é o do Conde de Gobineau, hóspede de D. Pedro II, para quem o futuro do país era o pior possível tendo em vista, sobretudo, a miscigenação racial; num contexto cujo paradigma científico hegemônico (positivismo, evolucionismo e racismo exacerbados) considerava a miscigenação como uma degeneração que enfraqueceria os povos. Georges Raeders. *O Inimigo Cordial do Brasil. O conde de Gobineau no Brasil*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁵ Gisálio Cerqueira Filho & Gizlene Neder. “Constitucionalismo e Neo-Tomismo no Brasil: efeitos políticos na cultura jurídica e na concepção de cidadania”, in Marcelo Carvalho Rosa (org.). *Cidadania*, no prelo.

texto não se expressou agressivamente, o próprio reconhecimento da existência deste Outro, que disputava, e colocava em cheque o processo de construção da verdade (científica, histórica, religiosa, política, etc.); denotava, portanto, o desempenho combativo deste tipo de literatura.

Sublinhe-se a combinação deste aspecto de disputa ideológico com a intenção de produção de tratado científico presente em muitas dessas obras. Estas certezas “científicas” abrangiam tanto fatos históricos polêmicos do país, quanto das disposições biológicas das “raças” que os autores encontravam aqui; ou das características das práticas religiosas observadas com olhares europeus ou de americanos do Norte. Contudo, este positivismo científico estava em profundo acordo com as crenças religiosas e as filiações políticas dos diferentes autores. Portanto, um mesmo fato histórico polêmico poderia desvelar opiniões diametralmente opostas, que, quase sempre, correspondiam diretamente às crenças religiosas ou filiações políticas de seus autores. De modo que podemos afirmar que a característica saliente dessas obras é a excessiva politização dos discursos; o tom de panfleto político (em defesa do liberalismo ou de posições políticas e instituições conservadoras).

T. Todorov oferece uma classificação para a literatura de relatos de viagens, compondo um quadro variegado de situações experienciadas pelos autores, levando em conta as motivações da viagem (exílio, imigração, expedição científica, missão religiosa ou diplomática, etc.). Todorov percorre, sobretudo, os autores franceses, tendo em vista seu recorte temático: a reflexão francesa sobre a diferença humana. Nos “retratos dos viajantes”, um subtítulo do último capítulo do livro *Nós e os Outros*⁶, são elencadas oito situações nas quais os relatos de viajantes foram produzidos; ele nomeia as situações substantivando tais viajantes: 1. o assimilador (relativamente raro atualmente, é aquele que quer converter e catequizar e seu aparecimento coincidiu com a primeira grande vaga colonizadora do século XVI); 2. o explorador (que não é nem um padre, nem um soldado, mas um homem de negócios, que especula sobre a alteridade tendo em vista conhecer o Outro para melhor negociar ou explorá-lo). 3. o turista (um visitante apressado que prefere os monumentos aos seres humanos; é o único sujeito da sua experiência); 4. o

⁶ T. Todorov. Op. cit., pp. 377-385.

impressionista (um turista perfeccionista que alarga seu horizonte aos seres humanos; permanece sendo o único sujeito de sua experiência, tanto quanto o turista); 5. o assimilado (o imigrante que deve conhecer o Outro, pois deve conviver com a alteridade e precisa ser aceito pelo Outro); 6. o exótico (o distanciamento e a estranheza do estrangeiro sendo tomadas comparativamente para melhor enxergar sua própria sociedade, dificilmente percebida através do cotidiano e do automatismo da vida ao redor); 7. o exilado (esta categoria ora parece situar-se entre o imigrante e o exótico: como o primeiro, ele se instala noutra país; como o exótico, ele evita a assimilação); 8. o alegórico (aquele que fala de uma coisa e interpreta outra – o alegórico fala de um povo estrangeiro para tratar de outro problema, concernente a ele próprio ou à sua cultura).

Analisando os discursos de alguns livros de viajantes sobre o Brasil do Segundo Reinado, identificamos algumas destas características trabalhadas por Todorov.

O jornalista francês, Charles Ribeyrolles, viveu no Brasil por dois ou três anos em fins da década de 1850, e apresentou uma característica compósita dos viajantes modernos, destacada por T. Todorov: o do viajante “alegórico” (predominantemente); mas também podemos observar a existência de uma composição com a característica do “exótico”. Ao mesmo tempo, devemos destacar sua condição pretérita de “exilado” de Ribeyrolles; mesmo que seu exílio não tenha sido vivenciado no Brasil, mas na Inglaterra, vemo-nos na contingência de pontuar alguns aspectos da caracterização de seu discurso como de exílio, tal como apontado por Todorov. Ribeyrolles percorreu diversas partes do país e compilou informações detalhadas. Junto com seu conterrâneo Victor Frond (responsável pelas belas litografias presentes em todo o livro), Ribeyrolles escreveu o seu *Brasil Pitoresco*⁷, obra extensa em dois grossos volumes onde discorreu sobre os mais variados assuntos da história do Brasil e da sociedade que aqui encontrou em 1858. Como o objetivo de sua viagem foi produzir um livro para que “exploradores” conhecessem o Brasil (basicamente negociantes ingleses), destacamos mais esta característica que deve ser aposta ao livro de Ribeyrolles.

Ribeyrolles era um jornalista liberal francês; era protestante, e tinha trinta e sete anos quando, em 1849, em desacordo com a política bonapartista, foi exilado da França,

⁷ RIBEYROLLES, Charles. *Brasil Pitoresco*. Com ilustrações de Victor Frond. São Paulo: Livraria Martins, edição de 1941. 3 tomos, 2 volumes.

tendo se refugiado em Londres. Na capital inglesa, foi acolhido por outros exilados franceses, tendo se tornado grande amigo de Victor Hugo, quando também passou a militar pela causa liberal, editando jornais e panfletos. Diferente dos demais viajantes com os quais trabalhamos, Ribeyrolles foi enviado ao Brasil especialmente para a produção desta obra, que consiste um grande panfleto político. Ribeyrolles morreu quando seu livro já estava pronto, poucas semanas antes de embarcar de volta para a Inglaterra. A data de sua morte é incerta, pois alguns historiadores apontam o ano de 1861. O prefaciador da edição brasileira, Afonso d'E. Taunay, retificou esta data para 1860.

Outra obra que escolhemos para analisar é o diário do diplomata austro-húngaro, barão Alexandre de Hübner⁸. Hübner desembarcou no Rio de Janeiro em 1882 para uma viagem de alguns meses pelo Brasil e a região do rio Prata (Argentina e Uruguai), onde permaneceu durante um mês. Ao longo de toda a viagem ele manteve um diário, o qual, se supõe, que visava publicação de um livro (o que seria de esperar, uma vez que já havia publicado uma extensa obra ao longo de sua vida, incluindo relatos de todas as grandes viagens que realizou em muitas de suas missões diplomáticas). No entanto, o Barão não chegou a publicar suas anotações de viagem à América do Sul.

O diplomata brasileiro Roberto Mendes Gonçalves, enquanto trabalhava na legação brasileira em Viena, conseguiu, em 1952, uma cópia deste diário referente à estada do Barão na América do Sul; a publicação do diário só ocorreu, todavia, em 1970. Contudo, por ser um relato relativamente pouco elaborado – portanto, com mais chances de captura de informações e impressões espontâneas, posto que não editado, e inédito – este diário contém informações preciosas. Trata-se, de fato, de um testemunho com algumas características de um testemunho histórico indireto (mesmo que pleno de indicações de intencionalidade de seu autor; como mencionamos acima, pois o diplomata já havia produzido outros livros com relatos de viagens)⁹. Hübner era um importante e experiente diplomata (contava com mais de 70 anos ao chegar aqui). O Império Austro-Húngaro era

⁸ GONÇALVES, Roberto M. *Um Diplomata Austríaco na Côte de São Cristóvão (À Margem do Diário do Barão de Hübner) Brasil – Uruguai – Argentina de 1882*. Brasília: Conselho Federal de Cultura, 1970.

⁹ Marc Bloch. *Introdução à História*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982. As considerações de Bloch sobre os diferentes tipos de testemunho histórico ressaltam que as melhores fontes para o historiador são aquelas que contém um “testemunho indireto”, quando a intenção de produzir o documento não está relacionada com os efeitos dos dados produzidos por ele.

considerado pelo Império Brasileiro uma nação amiga. Os comentários do diplomata sobre o Brasil oitocentista constituem, portanto, um testemunho histórico ímpar. O barão de Hübner era filho ilegítimo do Príncipe de Metternich, o arquiteto da Santa Aliança e do Congresso de Viena. Neste sentido, o diplomata brasileiro Roberto M. Gonçalves explica seu fascínio pelo diário do Barão e argumenta que apesar de ilegítimo ele fora reconhecido e acolhido pelo pai que tomou papel ativo em sua educação e o encaminhou na carreira diplomática. O que nos interessa é que, de todo modo, as idéias de Hübner e sua visão de mundo eram efetivamente um reflexo das idéias e da visão de seu pai, e temos aqui uma expressiva manifestação do discurso conservador europeu, através da pena de um viajante por ofício, já que estamos falando de um diplomata. Ao que tudo indica, porém, a viagem do barão de Hübner não tinha uma missão diplomática clara. Portanto, e pela forma como anotou as observações de seu diário, podemos situá-lo, tal como Ribeyrolles, com características compósitas dos tipos de viajantes de T. Todorov. A característica mais saliente do diário do Barão é que se trata de um viajante “impressionista”, combinando as características de um “turista” (outro tipo de viajante) só que perfeccionista, pois alarga seu horizonte aos seres humanos e aos costumes; como o turista, o impressionista permanece sendo o único sujeito de sua experiência. Apesar do cargo de diplomata – que poderia sugerir uma missão política e teríamos de mencionar sua inscrição na característica do “explorador” (que não negocia mercadorias, mas relações políticas diplomáticas) - Hübner faz da literatura de viagens um *hobby*, tendo já publicado outros livros sobre suas voltas pelo mundo. Contudo, suas observações sobre a “corte de São Cristóvão” revelam-nos um turista impressionista com argutas observações sobre o campo político e o governo brasileiro, a família imperial, as condições de governabilidade e as aptidões políticas dos Braganças (que, no Brasil, eram também Habsburgos).

Luiz Agassiz foi outro intelectual viajante - protestante e liberal - que esteve em viagem pelo Brasil. Naturalista nascido na Suíça e radicado nos EUA, que, junto com sua esposa norte-americana, Elizabeth Cary Agassiz, manteve um diário¹⁰ entre 1865 e 1866, quando passou em expedição no Brasil; esteve acompanhado de uma equipe e viajou por diversas regiões, desde o Sudeste até a Amazônia. A vinda de Agassiz ao Brasil foi

¹⁰ AGASSIZ, Luiz e AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil. 1865 – 1866*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Edição de 1938.

amplamente reconhecida e noticiada, sendo ele um renomado cientista daquela época. O próprio imperador D. Pedro II tratou de preparar especialmente para ele uma grande coleção de espécies animais e vegetais do Brasil que o naturalista levou para sua universidade. Agassiz montou em Cambridge um museu de história natural com esta coleção. Contudo seu diário não era uma obra acadêmica, ou científica, produzida a partir de sua pesquisa enquanto naturalista, mas sim do diário que o casal Agassiz publicou contendo suas impressões do Império Brasileiro e seu povo; contém opiniões, críticas e considerações pessoais. A viagem do casal ao Brasil é bastante referida pela historiografia brasileira no tempo presente; os materiais da pesquisa do naturalista (gravuras e aquarelas) são expostos em museus, com grande visibilidade e destaque. Dentro da classificação de Todorov, mais uma vez, identificamos mais de uma característica no diário do casal. Basicamente, o livro se enquadra na característica do “explorador” (no caso, não de um negociante ou comerciante típicos, como apontado por Todorov, mas com objetivos de produção de documentação tendo em vista produção de conhecimento – sobre a terra, a natureza; se esse conhecimento implicar exploração, esta não está afeita ao “cientista”). Contudo, o diário do casal apresenta a forma do “impressionista”, tal como qualificado por Todorov e já referido.

Os missionários metodistas Daniel Parish Kidder e James Cooley Fletcher, que escreveram “*O Brasil e os Brasileiros – Esboço descritivo*”¹¹, e o diário do missionário presbiteriano Ashbel Green Simonton¹², todos norte-americanos, enquadram-se em cheio na tipificação do “assimilador” de Todorov.

Simonton viveu no Brasil de 1859 até 1867, no Rio de Janeiro e São Paulo, e conviveu com proeminentes figuras do cenário político e religioso do Brasil daquela época. Neste diário tratou de sua vida como missionário desde os primeiros anos do seu trabalho nos EUA (iniciado em 1852) e se encerrou abruptamente pouco antes de seu retorno à terra natal.

Já “*O Brasil e os Brasileiros*” contemplou de observações realizadas pelo reverendo metodista James Fletcher (que chegou ao Brasil para substituir o reverendo Kidder em

¹¹ KIDDER, Daniel e FLETCHER, J. C. *O Brasil e os Brasileiros – Esboço Histórico e Descritivo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, edição de 1941.

¹² SIMONTON, Ashbel G. *Diário: 1852 – 1867*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana e Livraria Semeador Ltda, edição de 1982.

1851, retornando aos EUA em 1865). O livro resultou de trabalho escrito, primeiramente, por Kidder, intitulado “*Sketches of Residence and Travels in Brazil*”, publicado em 1845. Todavia, Nelson Werneck Sodré considerou no seu “*O que se deve ler para conhecer o Brasil*”¹³ que a homenagem que Fletcher realizou ao publicar sua obra com o nome dos dois missionários, não significou mais que isto: uma homenagem. Segundo Werneck Sodré, a co-autoria seria uma demonstração de lealdade ao seu predecessor, que não escondeu a superioridade da obra de Fletcher sobre a de Kidder. Fletcher teria efetivamente se relacionado com o Brasil e os brasileiros; buscou conhecer com minúcias tudo o que podia sobre o país, se tornando, até mesmo, sócio do IHGB. Seu livro apareceu na Filadélfia em 1867, e em dez anos já estava na sua sétima edição, tendo sido (ainda segundo Nelson Werneck Sodré) a mais importante obra de divulgação do Brasil nos EUA¹⁴.

A despeito das especificidades que diferenciam os livros de viajantes que analisamos a partir da tipologia apresentada por T. Todorov, existiu um ponto de consenso entre eles: o ataque ao clero secular brasileiro. Todos os autores apontaram a inaptidão e a corrupção do clero brasileiro. Registraram, também, a inaptidão e o atraso de Portugal para governar suas colônias na América. Todos fizeram a apologia da imigração européia como forma de resolver o “problema de braços” que o Brasil já vivenciava como um grave problema, desde o fim do tráfico em 1850.

As diferenças entre cultura religiosa reformada e católica foram apontadas pelos viajantes. Suas impressões de viagem foram razoavelmente influentes e apropriadas pela historiografia brasileira que se instituiu a partir do IHGB (especialmente por Afonso d’E. Taunay) e as comparações entre o colonizador holandês com o português, a partir da intensa atividade missionária, diplomática e científica presente na luta política e ideológica entre o Império Luso-Brasileiro, católico, e o emergente imperialismo anglo-saxão a insinuar-se como regente nas relações de troca (econômica, política e cultural) nas duas margens do Atlântico.

Referências Bibliográficas:

Fontes:

¹³ SODRÉ, Nelson W. *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

¹⁴ *Ibidem*, página 177.

AGASSIZ, Luiz e AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil. 1865 – 1866*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938.

GONÇALVES, Roberto M. *Um Diplomata Austríaco na Côrte de São Cristóvão (À Margem do Diário do Barão de Hübner) Brasil – Uruguai – Argentina de 1882*. Brasília, Conselho Federal de Cultura, 1970.

KIDDER, Daniel e FLETCHER, J. C. *O Brasil e os Brasileiros – Esboço Histórico e Descritivo*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941.

RIBEYROLLES, Charles e FROND, Victor. *Brasil Pitoresco*. São Paulo, editora Livraria Martin, 1941.

SIMONTON, Ashbel G. *Diário: 1852 – 1867*. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana e Livraria Semeador Ltda, 1982.

Bibliografia citada:

CERQUEIRA FILHO, Gisálio & NEDER, Gizlene. “Constitucionalismo e Neo-Tomismo no Brasil: efeitos políticos na cultura jurídica e na concepção de cidadania”, in Marcelo Carvalho Rosa (org.). *Cidadania*, no prelo.

NEDER, Gizlene. “O Daguerreotipista e os Direitos. O debate sobre os direitos civis de estrangeiros residentes no Brasil em meados do século XIX”, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB)*, 168 (435):9:41, abr./jun. 2007.

RAEDERS, Georges. *O Inimigo Cordial do Brasil. O conde de Gobineau no Brasil*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SODRÉ, Nelson W. *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973.

TODOROV, Tzvetan. *Nous et les Autres. La réflexion française sur la diversité humaine*, Paris: Éditions du Seuil, 1989.

VIEIRA, David G. *O Protestantismo, A Maçonaria e A Questão Religiosa no Brasil*. Brasília, UNB, 1980.